

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:**Famílias e Curso de vida****TIC e mulheres portuguesas na era pandémica e pós pandémica:
práticas e representações polarizadas?****DI GIUSEPPE, Silvia. Alumni OpenSoc (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) silviadigiuseppe13@gmail.com****Resumo**

Quando a pandemia de Covid-19 atingiu o mundo, as tecnologias digitais de informação e comunicação (TIC) invadiram de forma muito acelerada todas as dimensões do quotidiano das famílias.

Nesta comunicação foram apresentados os primeiros resultados de um estudo qualitativo centrado nas práticas e representações das TIC das mulheres portuguesas no período pandémico e pós-pandémico, a partir de entrevistas semi-estruturadas em profundidade de *follow-up* a mulheres portuguesas e italianas que já tinham sido auscultadas para uma investigação de doutoramento destinada a descrever e compreender o quotidiano das mulheres portuguesas e italianas na sociedade digital (Giuseppe, 2022). Serão apresentados os casos de duas mulheres portuguesas que, antes da pandemia, representavam diferentes perfis: uma que apresentava uma atitude mais positiva face às TIC e outra que apresentava uma atitude mais negativa. Podemos falar de práticas e representações mais polarizadoras sobre as TIC durante e depois da pandemia? Ou, pelo contrário, a digitalização forçada dos quotidianos uniformizou essas práticas e representações?

Palavras-chave / Palabras clave / Keywords / Mots-clés: Mulheres; tecnologias digitais; quotidiano; pandemia e pós pandemia/Women; digital technologies; everyday life; pandemic and post-pandemic.

Introdução

O presente trabalho pretende dar continuidade a um estudo de doutoramento em Sociologia, que procurou explorar o quotidiano de mulheres na sociedade digital, em Portugal e Itália, descrevendo e compreendendo as suas práticas e representações na esfera profissional e doméstica (Giuseppe, 2022).

Com o objetivo de estudar o acesso e os modos de utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TIC), na sociedade contemporânea, no estudo anterior foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a mulheres portuguesas e italianas, com idades compreendidas entre os 25 e os 49 anos, com diferentes atividades profissionais e níveis de escolaridade, com filhos entre os 6 e os 11 anos e que viviam em conjugalidade. Foram observadas diferenças relevantes entre dois grupos de entrevistadas que identificamos como: *Grupo A – profissionais liberais-científicas*; e *Grupo B – empregadas de serviços pessoais, comércio e escritório*. Além disso, identificámos ainda 4 perfis-tipo de utilizadoras: 1) utilizadoras muito intensivas e críticas; 2) utilizadoras intensivas e otimistas; 3) utilizadoras restritas e ambivalentes; 4) utilizadoras moderadas e pessimistas.

Os perfis 1 e 2 caracterizam-se pela existência de diferentes ferramentas digitais e pela utilização de diversas redes de informação e comunicação. A frequência de uso é muito intensa no trabalho profissional, visto este depender das TIC. No entanto, se no perfil 1 verifica-se uma avaliação algo crítica quanto aos efeitos das TIC, no perfil 2 a atitude é sobretudo otimista.

Os perfis 3 e 4 caracterizam-se pela existência de diferentes ferramentas digitais, mas com uma utilização mais restrita das redes de informação e comunicação. Com efeito, o uso das TIC é frequente em casa, mas está ausente na atividade profissional. No perfil 3 a atitude é ambivalente, pois reconhecem-se pontos positivos e negativos das TIC. Já no perfil 4 a atitude é negativa. Há uma recusa das TIC e sublinham-se as suas desvantagens. Em suma, identificámos uma perspetiva "crítica", que se traduz na ambivalência sobre o impacto das TIC, ponderando-se os aspectos negativos e positivos; uma perspetiva "otimista", que se expressa numa avaliação tendencialmente positiva; e uma perspetiva "pessimista", que se expressa numa avaliação essencialmente negativa.

TIC e mulheres portuguesas na era pandémica e pós pandémica: práticas e representações polarizadas?

Desse estudo importa ainda destacar algumas conclusões, pelos desafios que deixou para investigações posteriores. A *primeira conclusão* é que a tecnologia invadiu a vida quotidiana, esbatendo as fronteiras entre a esfera privada e a esfera profissional; a *segunda conclusão* é que o tipo de ocupação profissional influencia fortemente a utilização das TIC nas práticas profissionais e nas actividades familiares; a *terceira conclusão* é que não é a existência das TIC que faz uma diferença significativa, mas sim o modo como são utilizadas; a *quarta conclusão* é que as representações das TIC são condicionadas pela motivação para a sua utilização; a *quinta conclusão* é que a utilização das TIC pode ser um foco de tensão na vida familiar, tanto na relação conjugal como na relação com os filhos.

Mas foi a Pandemia de Covid-19 que motivou voltar a focar a atenção nas questões das TIC. Foi, justamente, a experiência colectiva no contexto da pandemia, do confinamento e da explosão das TIC para fazer face ao teletrabalho e ao ensino remoto, que nos levou a olhar de novo para as famílias e as TIC.¹

Afigurou-se, então, interessante realizar um *follow-up* das entrevistas, já que durante a investigação de doutoramento a situação de pandemia era impensável, tendo este terminado numa altura em que a pandemia se instalava e afectava, de alguma forma, a vida das mulheres entrevistadas. Prevíamos que a epidemia tivesse provocado alterações na sua relação com as TIC, pelo que seria importante ter em conta o impacto da pandemia e dos confinamentos na relação destas mulheres com as TIC, tanto a nível profissional como doméstico. Era igualmente importante considerar que, passados alguns anos do estudo anterior, os seus filhos estariam a aproximar-se da adolescência e teriam passado pela experiência do ensino à distância, criando novos e impensáveis desafios às famílias. Por conseguinte, e tendo em conta este pano de fundo, considerámos que valia a pena revisitar os resultados anteriores no contexto do período pandémico e pós-pandémico, colocando as questões: Terá o contexto pandémico, com a intensa digitalização dos quotidianos, polarizado ainda mais, ou pelo contrário homogeneizado, as práticas e as representações sobre as TIC? E após a pandemia, que lastro dessa experiência ficou?

Enquadramento teórico

Se as tecnologias digitais de informação e comunicação (TIC) há muito se tornaram parte do quotidiano das sociedades contemporâneas (Almeida, 2011; Neves e Casimiro,

2018), a pandemia de Covid-19, que assolou o mundo em 2020, veio, sem dúvida, acelerar as mudanças em curso. Com efeito, esta experiência coletiva influenciou profundamente a gestão de todos os domínios da vida pessoal e familiar, colocando as TIC no centro da vida quotidiana. Alterou-se a relação entre a esfera profissional e o espaço público, a esfera doméstica e o espaço privado. Nos longos períodos de confinamento, as pessoas tiveram de reorganizar as suas vidas de acordo com a nova realidade pandémica, nomeadamente através da forte expansão das TIC, que aceleraram a digitalização da sociedade e dos quotidianos (Baym, 2010), contribuindo para um rápido esbater as fronteiras entre o público e o privado (Neves e Casimiro, 2018).

São várias as contribuições científicas que analisaram a situação da sociedade portuguesa (Gouveia e Almeida, 2022), com enfoque também nas famílias, durante a pandemia (Delicado e Ferrão, 2021; Gouveia, Ramos e Wall, 2021). É interessante considerar, por exemplo, o impacto inicial das medidas de emergência adotadas, sendo evidente que os casais com filhos pequenos foram um dos grupos que enfrentaram maiores dificuldades durante este período (Cunha e Correia, 2021). Se, por um lado, o ensino à distância acelerou a digitalização dos ambientes escolares, por outro, exacerbou as desigualdades sociais (Vieira e Ribeiro, 2021). Foram comparados também os impactos da pandemia em dois períodos de confinamento (Gouveia *et al.*, 2021) e os diferentes impactos nas famílias portuguesas (Gouveia, Ramos e Wall, 2021). No entanto, apesar de o confinamento ter tido um impacto negativo em muitas pessoas, também teve um impacto positivo noutras, oferecendo-lhes a oportunidade de se adaptarem ao seu quotidiano através da utilização das TIC para a realização de diversas atividades no espaço doméstico.

Metodologia

Como já foi referido, a investigação atual consiste num estudo qualitativo com o objetivo de estudar a organização do trabalho profissional e do trabalho doméstico durante o período pandémico e pós-pandémico. Realizaram-se 8 entrevistas semi-estruturadas em profundidade de *follow-up* às mulheres que já tinham participado no estudo de doutoramento (Giuseppe, 2022), procurando compreender as alterações que a experiência pandémica trouxe na relação quotidiana destas mulheres com as TIC. Importa explicitar que as TIC referem-se, por um lado, a equipamentos digitais (como *PCs* e *smartphones*) e, por outro, a redes digitais de informação e comunicação (como o correio eletrónico e o *WhatsApp*).

TIC e mulheres portuguesas na era pandémica e pós pandémica: práticas e representações polarizadas?

À data desta segunda entrevista, estas mulheres tinham entre 30 e 54 anos, continuavam a residir nas áreas metropolitanas de Lisboa e Roma e a viver em conjugalidade e com filhos/as adolescentes. As entrevistas incidiram sobre temas da vida quotidiana, como o trabalho remoto durante a pandemia e o período pós-pandemia, as atividades relacionadas com a casa e com os filhos, mas também com as sociabilidades e os tempos livres. Ao mesmo tempo que queríamos compreender as práticas, queríamos também compreender o que significava para estas mulheres a experiência da (maior) digitalização do quotidiano e, assim, conhecer também as suas representações.

Das 8 entrevistas de *follow-up* selecionámos duas, os casos de Mafalda e Clara (as entrevistadas são identificadas por pseudónimos), duas mulheres portuguesas que, antes da pandemia, representavam diferentes perfis em termos de práticas e representações sobre as TIC.

Resultados

Mafalda: a construção de um olhar mais crítico

Na altura da primeira entrevista, Mafalda tinha quarenta e quatro anos, era licenciada e diretora de serviço público. Vivia com o marido, a filha de nove anos e o filho de seis. Era uma utilizadora das TIC intensiva e otimista. Presentemente com cinquenta, vive ainda com o marido e os dois filhos, agora com catorze e doze anos. Hoje, a sua posição face às TIC continua a ser positiva, mas também mais crítica.

Trabalho profissional

Antes da pandemia, Mafalda tinha um cargo de diretora num serviço público com uma equipa a trabalhar consigo. Durante a pandemia, registaram-se duas mudanças: mudou de serviço dentro da mesma instituição pública, passando a supervisionar uma equipa muito mais pequena; e passou a trabalhar exclusivamente a partir de casa. Hoje a situação permanece inalterada, afirmando que todo o seu trabalho é possível fazer remotamente.

Antes da pandemia, o marido também era dirigente num serviço da função pública. Durante a pandemia passou a trabalhar mais horas do que a Mafalda e após um período de teletrabalho obrigatório, assim que foi possível voltou ao trabalho presencial, situação que permanece.

Um dia típico de trabalho de Mafalda, passado em casa quer durante, quer depois da pandemia, consiste em começar de manhã com tarefas, ir ao *email*, ter algumas reuniões de equipa e formações ou *workshops*. Trabalha sobretudo através do computador, mas por vezes, se durante uma reunião tem que ir buscar os filhos à escola, acaba por passar a reunião para o *smartphone* para poder continuar.

A sua utilização das TIC passou, então, a ser mais intensa durante a pandemia, incluindo com a utilização simultânea de diferentes dispositivos. Com efeito, antes da pandemia, Mafalda tinha um *smartphone* pessoal e também usava o computador e o *tablet*, que partilhava com a família, mas com a pandemia passou a ter mais computadores.

Atividades no espaço doméstico

Abordando agora as atividades em casa realizadas com recurso às TIC, durante a pandemia Mafalda consultava receitas no *tablet*, fazia todas as encomendas *online* e também ajudava os seus filhos com as aulas *online*. Para além das refeições e dos filmes que procuravam ver em família, na generalidade encontravam-se isolados uns dos outros, cada um com as suas atividades com recurso às TIC. Mafalda reconhece que utilizou as TIC em casa mais intensamente e muitas TIC ao mesmo tempo.

Face a esse período, o que mudou é que hoje Mafalda utiliza menos as TIC, embora mantenha o hábito de fazer as compras *online*. Existem situações em que são os filhos a ajudar a Mafalda com as TIC. Procuram fazer mais programas de família em conjunto, mas não há um único dia de lazer que seja livre de TIC. Presentemente, a sua utilização das TIC, embora já menos intensa que durante a pandemia, é ainda maior do que anteriormente.

Representações das TIC

Em termos de representações, Mafalda afirma que as TIC alteraram a maneira como exerceu a sua atividade profissional durante a pandemia e que foram, sem dúvida nenhuma, fundamentais para conseguir continuar a trabalhar.

Também as TIC facilitaram as atividades domésticas e os cuidados aos filhos. Se não tivesse havido TIC durante a pandemia, cuidar dos filhos teria sido muito difícil porque eles puderam continuar as atividades letivas, falar com amigos e conviver, mesmo que limitados. Ela sentiu alterações significativas no seu tempo livre por causa das TIC, embora agora sinta menos.

TIC e mulheres portuguesas na era pandémica e pós pandémica:
práticas e representações polarizadas?

Hoje a posição global da Mafalda relativamente as TIC continua a ser positiva, mas mais crítica. Pensa que foi fundamental ter tido o recurso às TIC durante a pandemia, mas sente que, hoje em dia, é preciso aprender a controlá-las para não se ser controlado por elas. No caso dos seus filhos, que passaram a ter *tablets*, portáteis e *smartphones*, isso tornou-se um desafio acrescido para Mafalda controlar o tempo que os filhos passam nos ecrãs destes dispositivos electrónicos, algo que sempre tentou fazer à medida que foram crescendo. Considera que é dada demasiada importância às competências digitais, que tornam as pessoas mais egocêntricas, isoladas e, por conseguinte, mais individualistas.

Clara: uma aprendizagem positiva

Na entrevista anterior à pandemia, Clara tinha 40 anos, o 12º ano e era proprietária de uma loja, juntamente com o marido. Viviam juntos, mais o filho de 11 anos. Presentemente tem 46 anos, vive ainda com o marido e o filho, agora de 17 anos. A sua posição face às TIC, antes restrita e ambivalente, passou a ser mais positiva e otimista. Enquanto proprietária de um talho, costumava trabalhar na loja sobretudo de manhã, mas com a pandemia passou a trabalhar quase o tempo todo em que a loja estava aberta e a fazer entregas ao domicílio aos clientes. Hoje já não faz entregas em casa, são os clientes que fazem as encomendas e vão buscar os produtos à loja. Antes e durante a pandemia o marido, co-proprietário do talho, trabalhava cerca de 13 horas por dia e hoje permanece com esse horário extenso.

Antes da pandemia, Clara tinha 1 *smartphone* pessoal e 2 computadores portáteis, 1 *tablet*, 1 *Chromecast* partilhados com a família. O filho tinha o *smartphone* para comunicar com a mãe; *tablet* e computador para a escola. Durante a pandemia passou a ter mais TIC e aumentou a utilização por causa de trabalho. O filho usava as TIC sobretudo para a escola e ensinava a mãe a utilizar as TIC, como às vezes acontece ainda hoje.

Trabalho profissional

Abordando agora um dia típico de trabalho de Clara durante a pandemia, ela estava na sua loja de manhã cedo para tratar do trabalho mais exigente, depois fazia entregas ao domicílio dos clientes, recebia chamadas e mensagens dos clientes para encomendas acordando a hora da entrega. Utilizou o seu *smartphone* para chamadas, *Facebook*, *Messenger* e *sms* para tratar de encomendas de clientes. Hoje ela trabalha

exclusivamente na loja, já não faz entregas ao domicílio, mas continua a utilizar TIC para gerir as encomendas dos clientes.

O uso das TIC no trabalho foi mais intenso durante a pandemia e utilizou várias TIC em simultâneo. Hoje em dia, a sua utilização das TIC no trabalho diminuiu, mas é ainda maior do que antes da pandemia. Com efeito, já não dispensa o seu *smartphone* para fins de trabalho.

Atividades no espaço doméstico

Passando às actividades em casa durante a pandemia, Clara usou sobretudo o *Facebook*, o *Google* para fazer pesquisas e compras *online*. No tempo livre, viam televisão em conjunto, jogavam nas consolas de jogos e no *tablet*, iam passear. Em geral o seu uso das TIC era mais intenso no local de trabalho, não tanto em casa. Contudo, ela utilizou diferentes TIC em simultâneo, tanto no trabalho como em casa durante a pandemia.

Hoje, apesar de recorrer a mais aplicações de jogo no seu *smartphone*, também começaram a sair mais durante o tempo livre. Contudo, o filho tem mais trabalhos escolares do que antes e aos fins-de-semana frequentemente ficam em casa. Presentemente ela continua a utilizar diferentes TIC em simultâneo, mas com menor frequência.

Representações das TIC

Clara acha que as TIC alteraram a maneira como passou a exercer a sua atividade profissional, facilitando bastante o seu trabalho em termos de encomendas e contacto com os clientes. Inclusivamente passou a ter mais clientes desta forma.

Também avalia que as TIC não facilitaram as atividades domésticas e o cuidado do filho, e não sentiu mudanças significativas quanto ao seu tempo livre por causa das TIC.

A sua posição global face às TIC passou a ser mais positiva e otimista, completamente a favor da utilização das TIC durante a pandemia, referindo que quando utilizadas com moderação são sempre válidas.

Conclusões

Os casos de Mafalda e de Clara foram relevantes para ilustrar, antes de mais, como as mudanças que aconteceram durante a pandemia obrigaram as famílias a ficarem

TIC e mulheres portuguesas na era pandémica e pós pandémica:
práticas e representações polarizadas?
(ainda) mais tecnológicas, tornando as TIC um hábito e uma ferramenta (ainda) mais
incontornável na vida das famílias com filhos/as adolescentes.

Foram relevantes, também, para ilustrar como os períodos de confinamento levaram a um maior uso das TIC na profissão, transformando oficialmente a casa num espaço de trabalho, assim como uma digitalização de profissões que anteriormente não exigiam a sua utilização. Além disso, esta experiência transformadora a nível das TIC, que conduziu à intensificação da sua utilização pelas famílias, levou a mudanças nas perspetivas destas entrevistadas: as que eram mais otimistas tornaram-se mais críticas; as que eram mais ambivalentes tornaram-se mais positivas e otimistas.

Globalmente, as práticas e as representações das TIC, por parte de Mafalda e Clara, tornaram-se menos polarizadas, com uma certa homogeneização das práticas, sobretudo dentro de casa, mas também das representações relativas ao papel positivo que as TIC tiveram durante a pandemia.

Notas

¹ É importante sublinhar que esta é uma investigação ainda exploratória, que gostaria de desenvolver num projeto de pós-doutoramento.

Agradecimentos

Quero deixar um agradecimento especial às Coordenadoras da Sessão Temática Famílias e Curso de Vida pela oportunidade de partilhar o meu trabalho no Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia. Também agradeço o acolhimento da Universidade de Coimbra.

Referências

- Almeida, A. N. de (2011). Introdução. In A. N. de Almeida (Ed.), *História da Vida Privada em Portugal: Os Nossos Dias* (pp. 6–14). Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e debates. <http://hdl.handle.net/10451/15535>
- Baym, N. K. (2010). *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge: Polity Press/Beck.
- Cunha, V. e Correia, R. B. (2021). A situação dos casais em idade ativa no primeiro estado de emergência: fatores e impactos diferenciadores. In A. Delicado e J. Ferrão (Eds.), *Portugal Social em Mudança - Impactos Sociais da Pandemia COVID-19*

- (pp. 13-25). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/50322>
- Delicado, A., Ferrão, J. (Eds.) (2021). *Portugal Social em Mudança. Impactos Sociais da Pandemia COVID-19*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/50298>
- Giuseppe, S. D. (2022). *Estar online e offline: práticas e representações de mulheres portuguesas e italianas na sociedade digital*. Doutoramento em Sociologia. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/53502>
- Gouveia, R., Ramos, V. e Wall, K. (2021). Household Diversity and the Impacts of COVID-19 on Families in Portugal. *Frontiers in Sociology*, Vol. 6, Article n° 736714. doi: 10.3389/fsoc.2021.736714
- Gouveia, R., Silva, S. S., Almeida, A. N., Wall, K. (coord.), Vieira, M. M., Carvalho, D. e Ribeiro, A. S. (2021). *Os Impactos Sociais da Pandemia: o Segundo Confinamento*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa <http://hdl.handle.net/10451/49662>
- Gouveia, R. e Almeida, A., N. (org.) (2022). *Vidas Confinadas: famílias, quotidianos e vulnerabilidades sociais no início da pandemia COVID-19 em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. <http://hdl.handle.net/10451/55134>
- Neves, B., and Casimiro, C. (eds.) (2018). *Connecting Families? Information & Communication Technologies, Generations, and the Life Course*. Bristol: Policy Press.
- Vieira, M. M. e Ribeiro, A. S. (2021). Educação e pandemia: entre a urgência social a emergência digital. In A. Delicado e J. Ferrão (Eds.), *Portugal Social em Mudança - Impactos Sociais da Pandemia COVID-19* (pp. 27-35). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/50323>